



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Viviane Ramos da Silva Chagas ¹

RESUMO

O estudo busca de modo geral descrever o processo de ensino da Educação de Jovens e Adultos enfatizando as experiências exitosas de professores e não apenas as dificuldades. Os objetivos específicos intentaram entender como é a organização do espaço escolar nas escolas da EJA, compreender como os professores trabalham nas salas de aula da EJA e quais os métodos que usam para obter resultados e experiências exitosas, identificar as possibilidades teórico-pedagógicas do ensino da EJA no cenário brasileiro. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica com base na abordagem qualitativa. O estudo justifica-se por promover um olhar descritivo da educação dos alunos da EJA no tocante a alfabetização e letramento, na perspectiva de contribuir com o entendimento do processo de construção do conhecimento e dos desafios docentes. Mas do que isso, pretende-se mostrar as experiências de professores e alunos que superam o pessimismo da sociedade em relação a essa modalidade que é tão relevante para a educação brasileira. As experiências e progresso escolar podem contribuir com a melhoria da qualidade da educação no país, por isso, entender as conquistas e não somente os problemas, pode ser uma maneira de pensar melhores condições de trabalho, de ensino/aprendizagem e criar possibilidades teórico-práticas que incentive o bom desenvolvimento da EJA no país.

Palavras-chave: EJA. Alfabetização. Letramento. Experiências exitosas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda questões relevantes sobre os aspectos que envolvem a alfabetização e letramento de alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil através das experiências exitosas de professores e alunos. A intensão principal de investigar a temática é justamente buscar a compreensão da realidade da EJA, intentando promover novos olhares descritivos sobre a educação oferecida nas escolas do município supracitado.

Desse modo, entender quais experiências contribui com o processo de ensino e aprendizagem é o que motiva a investigação. Com a pesquisa pretende-se articular a construção da proposta pedagógica, plano de curso, as habilidades e competência presentes no ensino desses alunos, além de refletir sobre o papel do professor e seus desafios no processo de ensino e aprendizagem, apresentando as conquistas apesar das

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Interamericana, vivianeramoschagas@gmail.com;



dificuldades enfrentadas. Em meio a movimentos na educação brasileira, a economia do país cresceu e em consequência disso novas mudanças na estrutura e organização da escola tiveram de ser efetivadas.

Entende-se que muitos alunos da EJA, bem como seus respectivos professores enfrentam desafios de um processo fragmentado da educação, e com essa modalidade não é diferente, desde o princípio a mesma sobre preconceito e discriminação, pois nem sempre a alfabetização e letramento foi prioridade do governo, muito menos daqueles que detêm a força de trabalho e precisam de pessoas que garantam a mão de obra barata.

Por isso, a EJA não teve o respaldo que precisava e durante anos se questionou o papel da modalidade dentro das escolas. Desta forma, o estudo justifica-se por promover um olhar descritivo da educação dos alunos da EJA, na perspectiva de contribuir com o entendimento do processo de construção do conhecimento e dos desafios docentes. Mas do que isso, pretende-se mostrar as experiências de professores e alunos que superaram o pessimismo da sociedade em relação a essa modalidade que é tão relevante para a educação brasileira.

As experiências e progresso escolar podem contribuir com a melhoria da qualidade da educação no país, por isso, entender as conquistas e não somente os problemas, pode ser uma maneira de pensar melhores condições de trabalho, de ensino/aprendizagem e criar possibilidades teórico-práticas que incentive o bom desenvolvimento da EJA no país.

O estudo busca de modo geral descrever o processo de ensino da Educação de Jovens e Adultos enfatizando as experiências exitosas de professores e não apenas as dificuldades. Os objetivos específicos intentaram entender como é a organização do espaço escolar nas escolas da EJA, compreender como os professores trabalham nas salas de aula da EJA e quais os métodos que usam para obter resultados e experiências exitosas, identificar as possibilidades teórico-pedagógicas do ensino da EJA no cenário brasileiro.

Com vista a atender os objetivos do estudo, a problemática que norteia a pesquisa situa-se na seguinte indagação: no tocante ao ensino e aprendizagem quais práticas são desenvolvidas em salas de aula da EJA que podem ser consideradas exitosas?

Pensar nessas dificuldades é ante de tudo, uma possibilidade de apresentar alternativas para o desenvolvimento do trabalho desses profissionais que atuam na



Educação de Jovens e Adultos. Quanto o ensino e a aprendizagem nesse processo é crucial que se tenha um panorama de como os alunos aprendem qual a estratégia de ensino, método e atividades desenvolvidas em sala de aula. Através dessa compreensão será possível esclarecer a questão principal do estudo.

METODOLOGIA

A metodologia usada para realização do estudo foi à pesquisa bibliográfica, onde se usou livros e artigos publicados sobre o assunto. As análises foram feitas por meio de uma abordagem qualitativa que permitiu interpretar as informações de forma mais peculiar e sistemática, percebendo particularidades que ficaram nas entrelinhas. Os professores possuem limitações advindas da formação, da falta de infraestrutura da escola, pela ausência ou frequência de propostas que contribua com a continuidade de seu trabalho dentro das instituições de ensino. Por isso pesquisa sobre as experiências exitosas existentes se tornou o foco da investigação.

Com base em seus objetivos esta é uma pesquisa do tipo exploratória, haja vista que tem como objetivo principal tornar o problema investigado mais familiar a fim de elaborar a hipótese adequada para produção do estudo.

[...] Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41).

Esse tipo de investigação adicionada a pesquisa bibliográfica, ajuda e muito no entendimento dos dados obtidos através das leituras realizadas. Os principais meios para encontrar respostas sobre a temática foram livros, revistas e artigos que já tinham sido publicados por estudiosos do assunto.

Escolher os materiais não é uma tarefa fácil, foi preciso fazer diversas leituras, entre autores clássicos e contemporâneos e aos poucos ir consolidando o entendimento do assunto por meio dos estudos destes, o que possibilitou a escolha adequada dos autores que compunham o estudo, sendo aqueles que mais enfatizam os objetivos e a questão problematizadoras do estudo.

Após a escolha dos textos, foi realizada a primeira leitura sobre a temática para que a análise pudesse ser consistente, além de atentarmos descobrir as mensagens que



os autores queriam passar em seus escritos. Depois elaborou-se um quadro esquemático para definir as principais ideias e voltar para o texto, agora, para realizar a segunda leitura, mais minuciosa, buscando identificar ou perceber o que ainda não tinha sido atentado.

Nessa conjuntura, ordenou-se os dados á partir de uma releitura do material, depois os classifica-los numa ação de leitura/releitura/leitura até conseguir estabelecer interrogações para identificar o que surge como relevante nos dados expostos. Somente após todas essas etapas, conseguiu-se interpretar os dados e analisá-los de forma objetiva.

A pesquisa bibliográfica possui, nesse estudo uma abordagem qualitativa, pois permitiu que se fizesse uma investigação focada do tema escolhido sem deixar de lado os elementos que estão presentes no olhar do pesquisador, o que trouxe ao processo olhares contextualizados sobre o assunto.

Olhar nas entrelinhas e promover novas reflexões é uma das características da pesquisa, por isso, o tipo escolhido corresponde a uma importante ferramenta para alcançar o entendimento do assunto como um todo. Cabe, pois, salientar, que a pesquisa conta com dados que já foram antecipadamente estudados e comprovados numa dimensão científica pelos teóricos que são base da investigação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A relevância da educação está intrinsecamente ligada as suas funções, importância e prioridades essenciais, bem como seus objetivos gerais e específicos que estão interligados aos conteúdos didáticos, principalmente ao seu formato metodológico, ou seja, aos meios que serão utilizados para se chegar à conclusão de determinados conceitos e suas concepções práticas ou teóricas. Antes mesmo de ingressarem nas escolas, os indivíduos já habitam em um universo letrado, repleto de estímulos visuais, codificados ou não. Dessa forma, a educação sistematizada, deve proporcionar de maneira direcionada o desenvolvimento dos aspectos lúdicos, cognitivos, mentais e sociais seja em qualquer modalidade de ensino.

Ao enunciarmos finalidades e objetivos que pretendemos alcançar, temos de pensar sempre em uma metodologia coerente com esses fins. [...] para a preparação para a alfabetização, teremos de reunir as habilidades básicas que



são pré-requisitos para ler e escrever: coordenação motora fina, discriminação auditiva e visual, esquema corporal, noção de lateralidade, memória visual, auditiva e atenção. (DROUET, 2010, p.66).

Um modelo estrutural e organizado é fruto de várias combinações que permeiam e se fazem presença constante no meio educativo. É necessário que a educação voltada à construção do conhecimento permita o despertar do indivíduo para suas habilidades, bem como torna-lo ativo na transformação da sociedade.

Pensar na educação é vê-la como dependente de um modelo sistemático e esse é um questionamento atual. Ao refletir sobre essas abordagens e questionamento acerca da educação, torna-se evidente e acentuado o caráter relevante da mesma perante a formação básica e indispensável do ser humano, pois ela surge não apenas como complemento ou lacuna a ser preenchida de qualquer forma. Mas, tem como função essencial e determinante auxiliar e facilitar, ao mesmo tempo em que direciona o desenvolvimento social e psicológico do sujeito enquanto ser social (DROUET, 2010).

Nessa mesma perspectiva, Paulo Freire em seu livro “Professora sim Tia não” faz uma reflexão a respeito da importância da educação na vida do sujeito, bem como fortalece o papel indispensável do professor nesse processo e ainda enfatiza e defende um sistema democrático de ensino, onde a prática educativa não seja algo isolado, mas que aconteça através de uma parceria harmoniosa que contribua para o conhecimento internalizado dos educandos. Desta forma, a educação acontecerá de forma mais rica e prazerosa e o aluno será capaz de se reconhecer como sujeito e não apenas como objeto estático do processo no qual está inserido e o trabalho do professor passará a ser visto como prática profissional capaz de contribuir para a transformação social.

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação, ajudamos-os ou prejudicamos nessa busca. Estamos intrinsecamente ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade para o seu fracasso. Mas podemos também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo. (FREIRE, 1993, p.47).

Considerando que é justamente nos primeiros momentos em que os indivíduos são tocados pela educação que o ser humano desenvolve suas habilidades físicas, sociais e psicológicas, se afirmando assim, como ser social. Não se pode ignorar, que é também



nessa fase que ele precisa de vários cuidados, entre eles o afeto. No ato educativo em si essa afetividade acaba aflorando de maneira mais acentuada, uma vez que existe uma grande proximidade entre educando e educador e o diálogo surge como elemento essencial de ligação entre essas personalidades.

Freire (1993), contudo, ressalta que o professor no desenvolvimento da sua prática saiba distingui-la do afeto, pois, esse também é importante, mas não deve superar o ato profissional do docente. Segundo Paulo Freire a afetividade entre educador e educando não é errada nem tão pouco proibida, pelo o contrário facilita a relação, porém se o afeto prevalecer diante da prática profissional, essa se torna comprometida. E daí o desenvolvimento de uma minimização diante da importância do professor, perante a sociedade.

Portanto ao mesmo tempo em que há a afetividade e a prática profissional, muitas vezes, há também a inversão de valores, então a prática profissional é canalizada pelos educandos, apenas como atos afetivos ou assistenciais. Essa ideia distorcida, muitas vezes acaba sendo internalizadas até pelos próprios profissionais da educação.

Em seu livro “Alfabetização e Linguística”, o autor Luiz Carlos Cagliari (2009) aborda um capítulo dedicado especialmente à escrita, e inicia nos dizendo que o mundo da escrita para os adultos parece ser algo já conquistado, que faz parte do seu cotidiano. Mas, ao pensar sobre isso, muitas pessoas esquecem que esses adultos que dominam a leitura e a escrita ingressaram cedo na escola, e que ao adentrar o espaço escolar depois de adulto pode ser um grande desafio.

Quando um indivíduo adulto entra em uma sala de aula sem nenhum conhecimento da leitura ou escrita entende-se que o mesmo está em processo de alfabetização. É nesse contexto da escrita, repleto de particularidades, que entra o ensino do português, e é nesta etapa escolar que se espera que os alunos concluam sabendo escrever, mesmo que esta não ocorra de modo convencional.

Escrever é algo muito complexo, principalmente para adultos que estão no início da vida escolar. Eles se deparam com uma situação extremamente nova, apesar de que, em sua maioria, já tenham contato com lápis e papel e que os “utilizem” à sua maneira.

A grande questão é que as escolas seguem um “modelo” para alfabetizar, para ensinar adultos a escrever, por exemplo: a escrita cursiva, para as crianças que ainda não tenham contato com este mundo, tudo parece ser incompreensível aos seus olhos, ao seu entendimento, pois,



Alguns métodos de alfabetização ensinam a escrever pela escrita cursiva, chegando mesmo a proibir a escrita de forma. A razão que alegam frequentemente é que a criança que aprende a escrever com letras de forma têm de aprender depois a fazê-lo com letras cursivas, e isso representa o dobro de trabalho, sendo inconveniente porque pode levar a criança a confundir esses dois modos de escrever. (CAGLIARI, 2009, p. 83).

O que torna ainda mais difícil é que a escrita cursiva requer um grande esforço para sua realização, e sua prática também torna bem mais complicado o processo de aquisição da escrita. Cagliari (2009) não descarta a importância de se ensinar a escrever com letras cursivas, já que esta faz parte de nossa cultura, e chega a defender seu uso na alfabetização; entretanto, diz ser bem mais simples e conveniente que o ensino da escrita aconteça através da escrita em forma de letras maiúsculas, só depois iriam aprender a escrita cursiva, “se lhe explicarem essas diferenças e os usos que fazemos dessas formas, ela não confundirá as duas escritas [...]” (op.cit. p. 84).

Escrever em letras de forma seria então uma forma mais fácil de compreensão da representação da escrita, principalmente nesta fase tão complexa que é a alfabetização, pois mesmo que os alunos já estejam em contato com livros ou revistas e vejam outras pessoas escrevendo, este exercício durante o período da alfabetização será sempre algo desafiador, ou, por muitas vezes, uma atividade impossível.

Ler, escrever, se expressar oralmente, é algo muito complexo e desafiador, entretanto é muito fascinante para os adultos em fase de alfabetização. O processo da construção dessas competências não é uma das tarefas mais fáceis, no contexto da escrita, por exemplo, não é apenas o “simples” fato de escrever, mas o “como” escrever, respeitando sinais de pontuação, acentos, sílabas, e ainda ter o cuidado com a caligrafia, pois além de escritores serão também leitores, e é interessante ressaltar que conforme os estudos, a escrita tem como consequência a leitura ou vice-versa, ou seja, estão intimamente ligadas.

E no que concerne à leitura, esta está presente desde cedo na vida das pessoas, seja feita através de jornais, revistas, outdoors, ou oralizados através de outras pessoas mais próximas e esta prática da oralidade acontece antes mesmo de estarem inseridas em qualquer contexto escolar. A oralidade não pode em hipótese alguma ser desvinculada desse processo de ensino-aprendizagem, ela tem um papel fundamental na aquisição das outras competências linguísticas: leitura e escrita.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de aquisição da leitura e da escrita se torna mais complicado já que para ler e escrever faz-se necessário atribuir significados a determinados textos. A partir de então é que a linguagem oral vai começando a se firmar, pois é importante questionarmos as crianças em relação à leitura e escrita. A oralidade, nesse sentido, é o primeiro contato das crianças com o mundo letrado (GACLIARI, 2009).

Nesse contexto, a contribuição do professor é de extrema importância para a fase de alfabetização, pois possibilita esse vai e vem da aprendizagem, ou seja, o aluno vai para a escola com um conhecimento socialmente adquirido, aquilo que ele ouviu falar, viu a sua volta com esse conhecimento sistematizado. O professor faz essa ponte entre aluno e o aprendizado, é um processo lento como já se sabe, mas necessário e que pode-se calcular o quanto estará ajudando-os na construção e aquisição de sua oralidade, leitura escrita.

Para se ter experiências e resultados exitosos os professores devem focar na formação, o que nem sempre é fácil, mas é um importante caminho para se tornar, não apenas profissionais que repassam conhecimentos, mas os que ajudam a produzir, refletir e tornar o que foi aprendido em algo que faça sentido a vivência do aluno. Nesse caso, o professor precisa ser ante de tudo, um agente mediador do processo de ensino e aprendizagem.

A educação, bem como, a ação docente, contribui para o desenvolvimento do sujeito pensante, daquele que se liberta, porém, isso só possível quando o educador entende que precisa aprender a ensinar. Este precisa se auto avaliar, verificar se sua prática é conivente com as expectativas dos educandos e trabalhar para além da remuneração, é preciso ter apreço e zelo pelo que faz (FREIRE, 1979).

De acordo com Kramer (1989) os alunos são seres sociais que precisam ser levados em conta, além das peculiaridades e diferenças que cada um expõem. Então, se o ensino tem por finalidade a característica de assimilação através da transmissão dos conteúdos, todavia, o trabalho do professor precisa estar voltado a estimular e propiciar meios possíveis para a aprendizagem significativa do aluno (LIBÂNEO, 1994).

Nessa perspectiva, pode-se entender que o professor é um agente de transformação, pois possibilita uma mediação entre o conhecimento historicamente



construído e o educando. Desse modo, Libâneo (1994, p.88) revela que “o trabalho docente é atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo”.

Formar indivíduos ativos e pensantes não é uma tarefa fácil para o professor, no entanto, através da ação pedagógica isso é possível. Embora essa ação deva ser pensada e planejada, precisa ser desenvolvida com cautela, persistência e paciência, pois tudo o que envolve ensino-aprendizagem requer um tempo de espera oportuno.

Cada aluno possui seu tempo de aprendizagem e o professor precisa estar atento para auxiliar e possibilitar novas alternativas para se chegar ao entendimento do que foi teoricamente ensinado. “Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação” (SAVIANI, 2003, p. 73). Através de sua fala, Orrú (2012, p. 160) destaca que:

O educar propicia o trilhar e o construir de um processo que vai sofrendo transformações intensas até constituir suas características peculiares, considerando o contexto e a individualidade de cada um. É por meio desse processo, em que se encontram presentes as relações sociais, a linguagem e a mediação, que o professor descobre e constrói alternativas de trabalho que podem ser exploradas para o ensino e a educação de seu aluno.

A importância do professor mediador no acesso de crianças portadoras de necessidades educacionais na escola é ainda maior. O trabalho com esses alunos exige, antes de tudo, um ambiente afetivo. O afeto tem valor primordial para que o aluno supere suas dificuldades e avance no seu desenvolvimento. Os vínculos afetivos que são construídos com os educandos, tanto nas relações familiares quanto no ambiente escolar, assumem grande importância na sua aprendizagem.

A demonstração de afeto é uma das ações que motivam os alunos a interagirem e sentirem prazer em participar das atividades que são propostas. Ao receber um adulto no ambiente escolar, é necessário transmitir-lhe segurança para que compreenda que esse ambiente lhe dará instrumentos para a aquisição de novas habilidades ou usar as que já possuem em detrimento de novas descobertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A partir das análises realizadas pôde-se perceber que a Educação de Jovens e Adultos precisa antes de tudo, ser pensada como modalidade que precisa ter suas experiências exitosas divulgadas para ir, paulatinamente desmistificando o preconceito sobre a EJA e demonstrando o processo de alfabetização e letramento como algo que dá certo apesar dos desafios enfrentados por professores e alunos.

É compreensível que o início do trabalho com alunos que possuem uma maneira de aprender diferente dos demais geralmente traz momentos de muita insegurança e sensação de incapacidade ao profissional. São muitos desafios, dúvidas e incertezas. Com o passar do tempo, o partilhar de experiências com outros professores, ao passo que vão conhecendo seus alunos no dia a dia, esses profissionais vão adquirindo confiança. É preciso aproveitar as atitudes de cada aluno, entender sua realidade, fazendo com que esta seja parte da rotina escolar e dos planejamentos, sabendo transformar cada momento em oportunidade de conhecimento, mesmo que este venha de forma lenta, considerando que o mais importante na educação é o processo de aprendizagem.

Com base no exposto, considera-se, através dos estudos realizados que um dos fatores essenciais para auxiliar o aluno em processo de formação intelectual é o afeto, ou seja, a forma como é recebida e ensinada, a mediação. Isto até pode parecer contraditório, mas, embora apresentem dificuldades em manter vínculos de afeto, quando encontra um ambiente afetuoso, o desenvolvimento desses alunos torna-se mais fácil, porque eles se sentem mais seguros, independentemente de suas histórias de vidas. Nesse sentido, os professores precisam direcionar as emoções dos alunos às suas experiências de aprendizagem.

Valorizar o professor em seu processo de formação é crucial, principalmente no que tange ao estímulo de desenvolver habilidades para lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos da EJA, com a desvalorização docente, os desafios de falta de estruturas da escola e das organizações que a governa. É preciso fortalecer a formação desses agentes e valorizar suas conquistas, o que são mencionadas nesse estudo como experiências exitosas.

REFERÊNCIAS



ANTUNES, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej. **Escola de Direito:** ressignificando a escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer n. 11, de 09 de junho de 2000. Brasília: MEC, 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: < http://www.forumeja.org.br/files/legislação%202_0.pdf >. Acesso em: 02 set. 2019.

CAGLLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** In: A escrita. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Fundamentos da Educação Pré-escolar.** Editora Ática – SP, 2010.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. 195 p.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não.** 9ª ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p. ISBN: 8522422702.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos.** Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: < www.diaadia.pr.gov.br/ceja/arquivos/File/DCE_EJA_2print_finalizado.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

PIANA, MC. **A construção da pesquisa no cenário educacional.** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9.